

Registro lexicográfico de “coronavírus”: contribuições de não linguistas

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v51i1.3350>

Rafael Prearo-Lima¹

Resumo

O objetivo deste trabalho é investigar a contribuição de não linguistas à Lexicografia, examinando sua produção linguística em verbetes de dicionários informais. Fundamentados nos princípios teórico-metodológicos quanto à organização de dicionários, analisaremos as definições de “coronavírus” em dois dicionários de língua portuguesa, *Aulete* e *Houaiss*, comparando-as com o mesmo verbete de dois dicionários informais, a saber, o *Dicionário InFormal*, de língua portuguesa, e o *Urban Dictionary*, de língua inglesa. Os resultados da análise indicam que as contribuições de não linguistas em dicionários informais funcionam como uma ruptura da normatividade na/da língua, comumente observada na elaboração de dicionários tradicionais, por não se fundamentarem na valoração entre certo e errado, mas por apresentarem definições de acordo com os discursos que circulam na/da sociedade.

Palavras-chave: coronavírus; dicionários informais; linguística popular; lexicografia.

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP-BRA), Bragança Paulista, São Paulo, Brasil; rprearo@ifsp.edu.br; <https://orcid.org/0000-0002-6667-7298>

Lexicographical record of “coronavirus”: contributions from non-linguists

Abstract

The goal of this article is to investigate the contribution of non-linguists to the field of Lexicography, examining their linguistic production in the entries of informal dictionaries. Based on the theoretical-methodological principles regarding the organization of dictionaries, we will analyze the definitions of “coronavirus” in two dictionaries published in Portuguese, *Aulete* and *Houaiss*, comparing them to the same entry in two informal dictionaries, namely, the Brazilian Portuguese dictionary *Dicionário inFormal*, and the North American English dictionary *Urban Dictionary*. The results of the analysis show that the contributions of non-linguists to informal dictionaries work as a rupture in the production of informal dictionaries because they are not based on the value of what is right or wrong, but because they present definitions according to the discourses in the society.

Keywords: coronavirus; informal dictionaries; folk linguistics; lexicography.

Considerações iniciais

Ao discorrer sobre a pertinência da produção de saberes por não linguistas, Paveau (2018) propõe categorizar linguistas e não linguistas em uma escala decrescente, segundo seus conhecimentos e suas práticas. Partindo de linguistas profissionais, fornecedores de descrições linguísticas, a autora finaliza sua lista com falantes comuns: entre outros, autores desconhecidos de mensagens em blogs e fóruns na/da internet. De acordo com a autora, ser um não linguista não implica um estado permanente, mas diz respeito à atuação em um momento e lugar determinados pelos linguistas.

Com base nessas considerações, decidimos investigar a contribuição de não linguistas à Lexicografia. Especificamente, analisaremos como esses falantes se inserem em uma área cuja produção de saberes era, até recentemente, direcionada apenas a estudiosos e eruditos da língua: as definições em verbetes de dicionários.

Fundamentados nos princípios teórico-metodológicos quanto à organização de dicionários de língua conforme proposto por Biderman (2000), Borba (2003) e Nunes (2006), compararemos como as definições de um verbe de dicionários informais se assemelham e/ou se diferem das definições encontradas em dicionários tradicionais. Para isso, analisaremos as definições do verbe “coronavírus” em dois dicionários de língua, os dicionários *Aulete* e *Houaiss*, comparando-as com as definições de dois dicionários informais, a saber, o *Dicionário inFormal*, de língua portuguesa, e o *Urban Dictionary*, de língua inglesa, distintos de outros dicionários por terem uma plataforma virtual cujo funcionamento é similar ao de redes sociais.

Sobre dicionários tradicionais e dicionários informais

Em um passado recente, havia no Brasil – e ainda parece haver – uma longa tradição de atribuir a dicionários uma posição de incontestabilidade, dado seu caráter normativo entre a(s) comunidade(s) de falantes. Há quase três décadas, Biderman (1984, p. 27) definiu esse tipo de dicionário como

[...] um instrumento para orientar os seus consulentes sobre os significados e os usos das palavras e para que eles possam expressar suas ideias e sentimentos com a maior precisão e propriedade possíveis, utilizando o tesouro léxico que a língua põe à disposição dos falantes do idioma.

Não há dúvida de que esses dicionários, que aqui denominaremos de “tradicionais”, orientam com certa precisão quanto a significados disponíveis em um idioma. Entretanto, ainda que remetam “a enunciados culturais” e “a uma visão de mundo”, como também afirma Biderman (1984, p. 28), tais dicionários, em geral, tendem a carregar em seus verbetes a visão de mundo de (uma equipe de) lexicógrafos à frente de sua produção. Não caberia, portanto, aos consulentes, mesmo sendo falantes da língua, participar da construção de significados; em última instância, eles apenas recorreriam a essa fonte para consulta e “aceitariam” os termos ali propostos, que, em tese, devem considerados como “certos”².

Borba (2003), por sua vez, vai um pouco além ao defender que dicionários são ideologicamente marcados. Segundo o autor,

[...] um dicionário de língua, como produto cultural e instrumento pedagógico, resulta de um olhar sobre a estrutura e o funcionamento do sistema linguístico num determinado momento da vida de uma comunidade. Por isso, é organizado a partir de uma ideologia. Ela pode estar explícita na introdução ou pode ser inferida da seleção dos verbetes, da rotulação, de entradas, do sistema definitório etc. (BORBA, 2003, p. 308).

Nunes (2006), ao dar uma abordagem discursiva para produção lexicográfica, defende que dicionários também são um tipo de produção discursiva e que, como tal, são não apenas atravessados pela ideologia, como também marcados pela historicidade. Para o autor,

2 Em um passado recente, enunciados como “consultar o pai dos burros” eram – e talvez ainda sejam – usados em referência à necessidade de se atestar o significado de um termo a partir de um dicionário, que seria, assim, uma fonte incontestável quanto à legitimidade de alguma definição.

[...] se, por um lado, o dicionário tem essa aura de “discurso do sério”, de um espaço sem falhas e de uma definição modelar e estável, por outro lado, ele tem sua historicidade: ele se reproduz, se transforma, se renova e se atualiza. [...] Ver o dicionário como um discurso implica em desestabilizar aquilo que aparece como uma certitude e explicitar gestos de interpretação que subjazem às formulações dos verbetes. (NUNES, 2006, p. 11).

Diante dessas questões, e considerando a inserção de uma parcela considerável da população em ambientes virtuais em décadas recentes, o que possibilitou que muitas vezes passassem a “ser ouvidas”, especialmente em decorrência do surgimento e difusão das redes sociais, observamos o aparecimento de plataformas que permitem aos falantes atuar, como dito anteriormente, em uma área antes restrita a estudiosos e eruditos da língua. Dolar (2021) denomina tais plataformas de dicionários colaborativos *on-line*; Oliveira (2014, 2018), por sua vez, refere-se a elas como dicionários informais, nomenclatura adotada neste trabalho.

A produção lexicográfica de forma colaborativa, explica Dolar (2021), é recente e teve início a partir do *Urban Dictionary*, cujo lançamento, em 1999, foi seguido pelo desenvolvimento de outros dicionários informais em diferentes línguas, por exemplo, o *Dicionário inFormal*, lançado por brasileiros em 2006.

Definidos como um “gênero *dicionarístico* que integra as contribuições de uma comunidade e que cria, via internet, um espaço virtual em que os colaboradores se apoiam e colaboram com a redação dos verbetes” (DOLAR, 2021, p. 113), os dicionários informais se distinguem dos dicionários tradicionais em alguns aspectos. Em primeiro lugar, quaisquer falantes podem contribuir com seus próprios verbetes, cujas definições não são hierarquizadas de acordo com os usos mais correntes, como nos tradicionais, mas organizadas conforme sua popularidade, isto é, segundo o número de “curtidas” (*likes*) e “descurtidas” (*dislikes*), à semelhança de postagens em redes sociais. Por conta disso, muitas definições são repetidas e/ou sobrepostas, o que não constitui um problema, visto o objetivo de possibilitar a contribuição de todos os usuários.

Outra diferença é que os dicionários informais trazem definições (ou descrições)³ as quais os dicionários tradicionais resistem, como gírias, estrangeirismos e palavras de baixo-calão. Por isso, conseguem acompanhar, de certo modo, a dinamicidade característica da linguagem, servindo, assim, como fonte de consulta de conteúdos e percepções de mundo normalmente não encontradas em dicionários tradicionais.

3 Em alguns momentos, as informações trazidas por dicionários informais se assemelham mais a descrições do que a definições *per se*. Por esse motivo, decidimos usar, neste trabalho, ambos os termos.

Em relação à edição (ou não) dos verbetes, Dolar (2021) aponta a existência de três tipos de dicionários informais: (i) os inteiramente colaborativos, sem nenhuma mediação editorial; (ii) os que validam os verbetes antes da publicação, o que pode ser feito pelos administradores da plataforma ou pelos próprios usuários; (iii) os semi-colaborativos, cujas contribuições feitas pelos usuários recebem tratamento editorial. Ambos, o *Urban Dictionary* e o *Dicionário informal*, selecionados para este trabalho, se encaixam na segunda categoria.

Já em relação aos conteúdos produzidos, Oliveira (2014, p. 264) explica que essa abertura para que falantes comuns elaborem suas próprias definições produz um efeito de verossimilhança,

[...] que podem ou não intentar corresponder à realidade do nome ou objeto descrito, ou a sentidos estabilizados sobre eles. Há uma possibilidade de ludicidade para o falante, que escolhe entre representar o lúdico ou representar o que se supõe verdadeiro. A esta liberdade de escolha do falante se junta a aparente ausência de regulação da escolha das entradas, ou tampouco das escolhas lexicais ou da sintaxe da definição.

Ainda que, ao postarem suas definições, os falantes oscilem entre a ludicidade e a (suposta) "verdade", a eles é dada oportunidade para que expressem suas próprias percepções linguísticas. Assim, retomando Paveau (2018), os falantes comuns, por serem usuários da língua, podem desempenhar um papel ativo na construção de saberes lexicográficos. No caso dos dicionários informais, isso é possível tanto por meio da elaboração de definições, quanto pela interação com elas, aprovando ou não o conteúdo apresentado (*likes* e *deslikes*).

Análise de um caso

A seguir, analisaremos as definições apresentadas por dois dicionários tradicionais em sua versão virtual, o *Houaiss* e o *Aulete*. Em seguida, compararemos essas definições com as trazidas por dois dicionários informais que, segundo Oliveira (2018), são exemplos bem-sucedidos desse tipo de dicionário: o *Dicionário InFormal*, de língua portuguesa, e o *Urban Dictionary*, de língua inglesa. Para isso, consideraremos para a análise proposta "coronavírus", verbete escolhido em decorrência da pandemia global decretada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em março de 2020⁴. Ressaltamos que, a fim de mantermos as características originais do gênero, decidimos reproduzir os verbetes tais como disponibilizados nas páginas dos dicionários consultados.

⁴ Ressaltamos que outros verbetes poderiam ter sido escolhidos sem que houvesse prejuízo à análise proposta.

Começaremos analisando a definição de “coronavírus” segundo o *Houaiss*.

Figura 1. Verbete “coronavírus” (*Houaiss*)

The image shows two entries for 'coronavírus' from the Houaiss dictionary. The top entry is the primary one, marked 'princ.' and 'etim.'. It is a masculine noun of two numbers (sm2n). The first definition states it is a genus of viruses from the family Coronaviridae, causing infections in humans and animals (e.g., respiratory diseases, gastroenteritis). The second definition is a general one for any virus in that family. The bottom entry is a secondary one, also marked 'princ.' and 'etim.', providing the etymology: from Latin 'corōna, ae' (meaning 'crown' due to the appearance of virions in micrographs) plus 'vírus'; see 'coron-' and 'vir(i/o)-'.

Fonte: <https://houaiss.uol.com.br/>. Acesso em: 22 jun. 2021.

O dicionário *Houaiss* apresenta duas definições para o verbete “coronavírus”, hierarquizadas de acordo com o uso, como comumente feito em dicionários tradicionais. Também há informações linguísticas sobre o verbete, por exemplo, sua classe morfológica (um substantivo) e sua etimologia (oriundo do latim). Não há, porém, nenhuma informação que, de alguma forma, remeta à recente pandemia global – o que não é uma questão relevante, haja vista que este tipo dado não costuma fazer parte dos registros de dicionários tradicionais.

Consideremos o mesmo verbete no dicionário *Aulete*.

Figura 2. Verbete “coronavírus” (*Aulete*)

The image shows the entry for 'coronavírus' in the Aulete dictionary. It is marked as a 'Verbe Novo' (New Verb). The entry is for a masculine noun of two numbers (sm2n). The first definition is from microbiology, stating it is a group of viruses that can cause infections in birds and various mammals, including humans (its name reminds one of a crown, under a microscope). The etymology is given as: [F.: Do lat. *corona, ae*, 'coroa', + *virus*.]

Fonte: <https://www.aulete.com.br/coronavirus/>. Acesso em: 22 jun. 2021.

O dicionário *Aulete* apresenta apenas uma definição para “coronavírus” e traz, assim como no dicionário *Houaiss*, informações linguísticas sobre o termo. Neste caso, porém, há a indicação de ser este um verbete novo, cuja dicionarização pode ter sido motivada – ainda que não seja possível afirmar categoricamente – pela necessidade de registro de um termo que passou a ser largamente empregado nos mais diferentes discursos em decorrência da já referida pandemia.

A seguir, analisaremos a definição do verbete “coronavírus” como registrado no *Dicionário InFormal*. Como algumas definições são muito parecidas entre si, reproduzimos apenas duas, evitando, assim, a repetição de informações (Figura 3).

Por meio desse verbete do *Dicionário InFormal*, notamos algumas distinções em comparação com os dicionários *Houaiss* e *Aulete*. Primeiramente, não há nessas entradas indicações de informações linguísticas, o que não significa que elas não sejam usadas eventualmente em outros verbetes. Como o objetivo desse tipo de dicionário não é orientar os consulentes sobre significados e usos de palavras, características estas atribuídas aos dicionários tradicionais, como pontua Biderman (1984), o que se nota nessas entradas é a tentativa de se descrever um termo. Isso é evidenciado por meio do uso de uma linguagem com tom que remete ao discurso científico.

Outra questão a se destacar é o registro autoral nas duas definições. Como esse tipo de dicionário funciona à semelhança de plataformas de redes sociais, é possibilitado ao falante comum criar um usuário, usando, para isso, seu próprio nome ou um pseudônimo qualquer. Em qualquer um dos dois casos, o resultado é a possibilidade de indicação de autoria nas definições/descrições postadas, o que não acontece nos dicionários tradicionais.

Figura 3. Verbetes “coronavírus” (*Dicionário inFormal*)

1. Coronavírus

Significado de **Coronavírus** Por **Ziuganovismo Brasileiro (ES)** em 24-01-2020

Os **coronavírus** são um grupo de vírus de genoma de RNA simples de sentido positivo, conhecidos desde meados dos anos 1960. A maioria das pessoas se infecta com os **coronavírus** comuns ao longo da vida. Eles são uma causa comum de infecções respiratórias brandas a moderadas de curta duração.

*A possibilidade de uma epidemia de **coronavírus** no Brasil alarma várias pessoas.*

26 1

5. Coronavírus

Significado de **Coronavírus** Por **Dicionário inFormal (SP)** em 11-11-2020

É uma família de vírus que causam infecções respiratórias que podem ser fatais. O novo **coronavírus** (nCoV-2019) foi descoberto em dezembro de 2019 na China e causou uma pandemia no ano de 2020.

*Muitas pessoas morreram em 2020 por causa do **coronavírus**.*

3 0

Fonte: <https://www.dicionarioinformal.com.br/coronavírus/>. Acesso em: 22 jun. 2021.

Como as definições/descrições são produzidas por falantes comuns – e não por linguistas profissionais, que, de acordo com Paveau (2018), ocupam o topo da hierarquia de conhecimentos linguísticos –, elas tendem a trazer de forma mais marcada suas visões e percepções de mundo. Nos exemplos do *Dicionário InFormal*, isso é evidenciado pela relação entre o coronavírus e os acontecimentos de então. Na primeira entrada (Figura 3), publicada em janeiro de 2020, dois meses antes da OMS declarar oficialmente a pandemia de Covid-19, a percepção de mundo diz respeito à possibilidade de uma situação alarmante no Brasil. Por sua vez, na segunda entrada, publicada em novembro de 2020, há tanto o registro de a pandemia ter começado na China – dado este presente nos discursos da sociedade brasileira – quanto uma referência ao já elevado número de mortos em nosso país.

A possibilidade de contribuições linguísticas a falantes comuns por meio de dicionários informais não é um fenômeno exclusivo entre os falantes de língua portuguesa. Na língua inglesa, o *Urban Dictionary* é o caso mais antigo e proeminente. Reproduzimos a seguir, para fins de análise, apenas algumas definições do verbete “*coronavirus*” desse dicionário.

À semelhança do *Dicionário InFormal*, os registros de “*coronavirus*” publicados no *Urban Dictionary* apresentam as percepções de falantes comuns quanto aos efeitos da pandemia na sociedade local. Na primeira entrada (Figura 4), há a menção de dois dados observados nos Estados Unidos – onde esse dicionário específico é mais acessado –, que, curiosamente, também ocorreram no Brasil. O primeiro é a questão do acúmulo de alguns produtos, como o papel higiênico, possivelmente motivado pelo eminente cancelamento de todas as atividades sociais e pelo fechamento do comércio para que o avanço do vírus fosse contido. O segundo dado dessa entrada é uma das consequências dessa necessidade de isolamento social, a saber, a migração das aulas presenciais para o mundo virtual a fim de não prejudicar o ano letivo de estudantes, fenômeno observado em praticamente todo o mundo.

A segunda entrada selecionada desse dicionário informal (Figura 4) registra o coronavírus como uma praga, o que é uma imprecisão – outra característica de dicionários informais –, visto que, no discurso médico-científico, vírus não são considerados pragas. Além disso, essa entrada também retoma discursos correntes no ano de 2020 sobre o contágio entre humanos pelo coronavírus ter sido originado a partir do consumo de morcegos, o que, aparentemente, não ficou comprovado.

Figura 4. Verbete “coronavírus” (Urban Dictionary)⁵



Fonte: www.urbandictionary.com/define.php?term=coronavirus. Acesso em: 22 jun. 2021.

Outra característica de dicionários informais é a possibilidade de inserir fotos e vídeos em suas definições/descrições, como na imagem acima (Figura 5) publicada no

5 Em tradução livre:

coronavírus

Um vírus que faz com que as pessoas comprem muito papel higiênico, e faz com que as crianças passem pelo inferno que é a escola *online*.

Pessoa 1: Meeeee! O mercado está sem papel higiênico por causa do coronavírus.

Pessoa 2: É, todas as mulheres histéricas levaram (acabaram com) o papel, mas estou mais bravo porque a gente tem que fazer aula *online*.

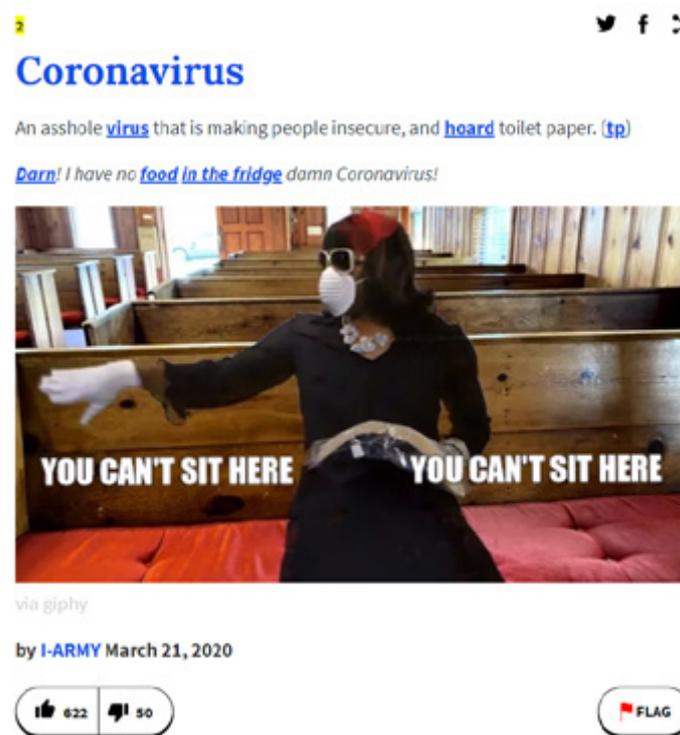
Coronavirus

Uma praga que causa uma infecção no sistema respiratório superior causada por algum idiota na China que comeu um morcego e ficou doente e infectou todo mundo.

Estou no pronto-socorro. Peguei coronavírus.

UrbanDictionary. Tal imagem, em formato GIF⁶, mostra uma mulher sentada em um banco de igreja, acenando com a mão para ambos os lados, possivelmente para outras pessoas, indicando que não é permitido sentar-se ao seu lado. Essa representação aponta para a questão do distanciamento social, uma das implicações da pandemia. Desse modo, ainda que não ajude na explicação do que é o coronavírus, nem corrobore com a definição/descrição apresentada, que faz alusão à insegurança das pessoas em relação ao vírus e ao fato de acumularem papel higiênico, a imagem remete ao campo semântico do verbete em questão.

Figura 5. Imagem no verbete “coronavírus” (*Urban Dictionary*)⁷



Fonte: www.urbandictionary.com/define.php?term=coronavirus. Acesso em: 22 jun. 2021

6 Abreviação em inglês de *graphics interchange format*, formato de imagem em que é possível compactar várias cenas, permitindo a exibição de movimentos, à semelhança de um vídeo curto, que é repetido continuamente.

7 Em tradução livre:

Coronavírus

Um vírus idiota que está deixando as pessoas inseguras e faz com que acumulem papel higiênico.

Droga! Não tenho comida na geladeira. Droga Coronavírus!

[na imagem] Você não pode sentar aqui. Você não pode sentar aqui.

As análises aqui apresentadas, ainda que breves, demonstram que, diferentemente dos dicionários tradicionais, os dicionários informais apresentam definições/descrições ligadas a um jogo lúdico e, principalmente, crítico dos termos conforme sua circulação nos discursos da sociedade. Por não serem submetidos a mecanismos de restrição e/ou de censura, ao menos não como aqueles estabelecidos nos dicionários tradicionais⁸, os dicionários informais possibilitam o registro de percepções quanto à significação de termos conforme sua circulação na sociedade. No exemplo apresentado neste trabalho, fica claro que o verbete “coronavírus” em dicionários informais faz referência não apenas ao seu significado, mas, indo além, às percepções de mundo daqueles que participam de sua elaboração.

Considerações finais

Os resultados da análise indicam que as contribuições dos usuários de dicionários informais – os falantes comuns classificados por Paveau (2008) como não linguistas – funcionam como uma ruptura da normatividade na/da língua, comumente observada na elaboração de dicionários tradicionais, por não se fundamentarem na valoração entre certo e errado, mas por evidenciarem definições segundo posicionamentos conforme sua circulação entre os discursos na/da própria sociedade.

A partir disso, levantamos o questionamento sobre como proceder em relação à emergência de dicionários informais. Por um lado, podemos indagar se estes devem ser considerados irrestritamente, em detrimento da normatividade dos dicionários tradicionais; por outro, podemos questionar se tais dicionários devem ser ignorados, dada a estabilidade de sentidos possibilitada pelos dicionários tradicionais.

Talvez uma saída seja o meio-termo proposto por Paveau (2008), que não adota uma posição rígida, mas defende uma postura antieliminativa quanto à produção de saberes linguísticos. De acordo com a autora,

[...] as informações geradas em práticas disciplinares *folk* são plenamente integráveis à análise linguística [...]. Parece-me necessário, então, propor uma descrição renovada, convincente e sobretudo cientificamente eficaz do objeto da linguística, adotando uma posição antieliminativa, que integre a escala dos saberes linguísticos [...]. Escolher o integracionismo significa ficar com o *e*, em vez do *ou*: o linguista e a vendedora, o escritor e o especialista de programa de TV, o glossomaniaco e o militante político. (PAVEAU, 2008, p. 42, grifos da autora).

8 Ainda assim, há em cada verbete do *Urban Dictionary* e do *Dicionário inFormal* um ícone por meio do qual é possível denunciar quaisquer conteúdos considerados abusivos.

Seguindo a proposta de Paveau (2008) quanto à adoção de uma postura antieliminativa, devem ser considerados, assim, o trabalho de lexicógrafos profissionais em dicionários tradicionais, como o *Houaiss* e o *Aulete*, como também as contribuições de falantes comuns em dicionários informais. Mesmo que não substituam o conteúdo encontrado em dicionários tradicionais, por não se comprometerem com um padrão de língua nem com sua descrição, os saberes populares produzidos em dicionários informais podem ser complementares a eles pela possibilidade de veiculação de percepções de mundo antes restritas, como afirma Borba (2003), aos desenvolvedores de dicionários tradicionais.

Tal posicionamento é possível porque, como afirma Dolar (2021), os dicionários informais se encontram entre o polo científico – por vezes apresentando definições mais próximas às canônicas em semelhança aos dicionários tradicionais – e o polo ordinário, que abrange a produção de conhecimentos linguísticos a partir de, entre outros, os não linguistas. Por vezes, continua a autora, podem-se observar variações em uma mesma entrada, colocando-a em posições diferentes entre esses dois polos, o que aponta a proposta de categorização de Paveau (2018) sobre a produção de saberes linguísticos, que vai de linguistas profissionais a não linguistas, de acordo com seus conhecimentos e suas práticas.

Por romperem com definições “canônicas”, os dicionários informais, como o *Dicionário InFormal* e o *Urban Dictionary*, permitem que falantes comuns, ao definirem – ou descreverem – um termo qualquer, possam adotar um posicionamento crítico, algo inviável em dicionários tradicionais. Em última análise, ao permitirem aos sujeitos uma posição de autoria na dicionarização da língua, os dicionários informais mudam a própria relação dos falantes com a língua.

REFERÊNCIAS

BIDERMAN, M. T. C. O dicionário padrão da língua. *Alfa*, São Paulo, v. 28, p. 27-43, 1984. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3677>. Acesso em: 8 fev. 2022.

BIDERMAN, M. T. C. Aurélio: sinônimo de dicionário? *Alfa*, São Paulo, v. 44, p. 27-55, 2000. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4198>. Acesso em: 8 fev. 2022.

BORBA, F. S. *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: UNESP, 2003.

DOLAR, K. Os dicionários colaborativos *on-line*: objetos metalinguísticos profanos. *In*: BARONAS, R. L.; GONÇALVES, M. R. B.; SANTOS, J. A. B. (org.). *Linguística popular: contribuições às ciências da linguagem*. Araraquara: Letraria, 2021. p. 111-131. Disponível em: <https://www.letraria.net/wp-content/uploads/2021/06/Linguistica-popular-contribuicoes-as-ciencias-da-linguagem.pdf>. Acesso em: 8 fev. 2022.

NUNES, J. H. *Dicionários no Brasil: análise e história*. São Paulo: FAPESP, 2006.

OLIVEIRA, S. E. O Dicionário inFormal e a relação do falante com a língua. *Revista da ANPOLL (Online)*, Florianópolis, n. 37, v. 1, p. 262-272, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.18309/anp.v1i37.784>. Acesso em: 22 jun. 2021.

OLIVEIRA, S. E. O “Dicionário inFormal” na gramatização do português do Brasil. *In*: OLIVEIRA, S. E. *et al.* (org.). *Linguagem e significação: práticas sociais*. Campinas: Pontes Editores, 2018. v. 2, p. 299-318.

PAVEAU, M. A. Não linguistas fazem Linguística? Uma abordagem antieliminativa das ideias populares. *Policromias*, Rio de Janeiro, ano III, p. 21-45, dez. 2018. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/policromias/article/view/21267>. Acesso em: 22 jun. 2021.